OS JESUÍTAS NO CEARÁ

Vinicius Barros Leal

Os Jesuítas estão no Ceará desde as primeiras horas da conquista da terra alencarina e sua presença se fez notar em todos os campos da participação humana no desenvolvimento da nossa civilização. Muitas de suas obras estão aí, ainda, dando um testemunho das inumeráveis atividades da Companhia.

Convém iniciar este mergulho em tão benfazeja obra passando uma vista na nossa história mais antiga, desde a conquista evangelizadora.

A expansão portuguesa no mundo contou com a fabulosa ação da Companhia de Jesus. Pode-se verificar o fato no indiscutível universalismo das conquistas, nas artes, nas letras e na ciência por onde passaram os inacianos, completando com a Fé o que os soldados submetiam pelas armas e os políticos e diplomatas pela prática e prerrogativas das leis. Nestes primeiros séculos as duas histórias se confundem: a do Brasil e a da Companhia de Jesus. A Coroa, nomeando autoridades e determinando as suas ações; o Provincial fundando colégios, capelas, aldeias, mobilizando missionários, orientando na transformação de pagãos em ativos cristãos. Uns conquistavam para a Coroa, outros por uma coroa. Esta, sem ornatos, mas símbolo de glória e prêmio.

Padres e soldados preparavam a magna gesta, uns e outros sofrendo os revezes das lutas, os sacrifícios de sangue e suor, consagrados à decidida causa da incorporação definitiva do nosso território ao Brasil e deste, ao âmbito do lusitanismo. Não bastava só ganhar a ter-

ra: o difícil era mantê-la num mundo cheio de ciladas, de ambições descontroladas, de corrupção, de interesses escusos.

Na época da chegada dos Padres à Ibiapaba, Portugal vivia sob o tacão espanhol e era difícil a eles conciliar certas circunstâncias que tinham a finalidade de confundí-los. A catequese, na sua característica ao mesmo tempo estática e dinâmica (Tristão de Ataíde), era também apoio ao povoamento, pois sempre conseguiam aldear tribos nômades e pouco acostumadas à vida em grupo organizado.

Critica-se muito hoje em dia o papel dos padres, sobretudo a maneira do aliciamento dos índios, fazendo-os largar costumes milenários, hábitos arraigados e mentalidades regidas por uma tradição de muitas gerações criadas no domínio do pensamento mágico. Entretanto, um estudo bem profundo da ação dos padres esclarece que não foi bem assim.

As cartilhas e outros meios que usavam para introduzir a fé católica eram vasadas em estilo próprio, acomodado ao interesse e cultura indígenas, aproveitando muito do peculiar tipo de reflexão deles. Pouco custava aos padres nomear corretamente aquelas figuras lendárias da veneração dos silvícolas e individualizá-las com os seus correspondentes e verdadeiros sentidos. Tupã era a divindade máxima da potência criadora, que eles, atribuindo esta ao trovão, entendiam ser o Criador, o espírito fecundante das coisas e pessoas, a força inventiva e talentosa capaz de explicar o Universo nos seus efeitos e causas.

"Jornadas" e "Entradas" têm o mesmo valor de catequese, embora nem sempre estivessem concordes, assim chama a atenção o autor mais autorizado dessa fase, o Padre Serafim Leite [1].

O ano era de 1607 e, de fato, houve aquele desencontro dos soldados de Pero Coelho que voltavam maltrapilhos pela praia e os que iam missionar na Ibiapaba, levados pela barca preguiçosa e baloiçante. Não se comunicaram, porém, apesar de avistado ansiosamente o barco pelos que demandavam por terra. Os de pé retornavam tristes e acabrunhados, vítimas das intempéries e do amargo de uma derrota; os que iam não podiam avaliar ainda o resultado final da empreitada. Iam com os mesmo desígnios dos que agora voltavam, numa missão que diferia, porque tinha mais um sentido de conquista de almas que propriamente de terras e riquezas. Mesmo assim, não deixavam de contribuir para a breve colonização do território cearense. E nesse pon-

[1] Pe. Serafim Leite, S. J. – "História da Companhia de Jesus no Brasil". 10v. III vol., passim

to, a jornada dos jesuítas era até de melhor valia do que a dos militares, porque levava aos selvagens os benefícios da civilização, pela prática, entre eles, dos conhecimentos que os padres tinham de certas artes. Eles aprendiam nos colégios de Portugal e da Bahia os ensinamentos práticos dos trabalhos indispensáveis à sobrevivência nos ermos das matas brasileiras. A Medicina, sobretudo, era exercitada e transmitida na mesma ordem em que também aos índios eram levados os conhecimentos de uma agricultura racional, uma certa consciência industrial, a par da elevação moral, intelectual e cívica.

A ação dos jesuítas no Ceará desenvolveu-se entre 1606 e 1759. Foram 153 anos de persistente aplicação de seus processos peculiares de habilidade missionária. De início, com os padres Francisco Pinto e Luis Filgueiras, trataram da exploração e catequese. Terminou pelo sacrifício do chefe da expedição, o padre Pinto. Impressiona saber o que fizeram estes dois padres e alguns poucos auxiliares, índios civilizados, em pouco mais de um ano. Saíram do Recife com o intuito de atingir o Maranhão, de acordo com as ordens do Governador do Brasil e do Provincial. Levavam apenas sessenta índios. Desembarcaram no Jaguaribe e aí mantiveram contato com alguns parentes destes. A 2 de fevereiro, por terra, voltando o barco para o Recife, carregado de sal, tomaram o caminho da Ibiapaba, pela praia, armados apenas do bordão, da cabaça dágua e de seus terços, crucifixos e livros piedosos. Rezavam as ladainhas pelo caminho, parando para descanso aos intervalos de duas e três léguas, conforme as dificuldades do percurso. Era de lembrança fresca o cativeiro dos índios por Pero Coelho e a represália se fazia agora aos inacianos e seus acompanhantes. Somente a constatação pelos índios rebelados de que na comitiva dos padres não havia brancos fez sossegar os emboscados. Logo apareceram os jaguariguaras, mas o perigo passou. Após um mês de penosa viagem toparam com Acajuí, chefe que foi agradado em correspondência à boa amizade que aceitou. Provavelmente estavam próximo ao Curu. Era inverno e evitaram a maior largura do rio, tomando um pouco o sertão, e se depararam então com a lamacenta e íngreme serra de Uruburetama. Quanta dificuldade ao atravessar a mata espessa, cheia de cipós e árvores tombadas, mosquitos meruanhas, cobras, lagartos e animais agressivos. Dois meses passaram entre atoleiros e chuvas diluviais. No dizer do relator da viagem, aí se juntaram todas as pragas do Brasil. Por fim, a almejada serra da Ibiapaba. Felizmente foram recebidos pelo tuxaua com boas palavras e abundância de mantimentos, especialmente mandioca e macaxeira. Mais além morava o Juripari-

guaçu, o "Diabo Grande". Sua aldeia era a maior, e do chefe tomaram boas informações acerca dos franceses e mais tribos no caminho do Maranhão. Não perderam tempo os padres, começando logo a conquistar terreno entre os serranos, fazendo as pazes destes com os outros vizinhos. O interesse pelas utilidades de metal que levavam os missionários abriu mais corações de índios do que as longas parlamentações de quantos emissários de princípio enviaram. "Milho Verde", "Cobra Azul" e "Algodão" receberam convites para uma visita de cortesia à aldeia dos padres e logo atendeu o último, mostrando-se amigo. Durante quatro meses aí ficaram precariamente instalados, mas aproveitando bem o tempo com a catequese e atendimento às mais prementes necessidades dos índios, especialmente no campo da saúde. Os selvagens agradavam-se da conviência e até imitavam passos de danças portuguesas.

A 17 de outubro arribaram ao Maranhão e quinze léguas adiante encontraram os Tarariús, índios que já tinham recebido obséquios dos catequistas, mas que não retribuíram com a gratidão desejada, e sim com perfídia e estupidez, queimando vivos os emissários da última embaixada de paz e harmonia. A 11 de janeiro de 1608 foram atacados por estes índios quando caminhavam em direção do mar, torcendo caminho para evitar o confronto. A investida traiçoeira pegou os padres de surpresa, Pinto rezando o seu breviário e Filgueira na palhoça vizinha. Os índios maranhenses atacaram diretamente, recebendo as cargas dos que defendiam os padres. Estes, no entanto, foram de pequena valia diante do tropel e fereza dos que só tinham em mira tirar a vida dos missionários. O padre Pinto foi atingido com profundo golpe na cabeça, expirando pouco depois, sendo arrastado cruelmente e massacrado à vista estupefata de todos. Sabe-se que os franceses do Maranhão não estavam desinteressados deste fato infeliz. A eles aproveitava a morte do padre e o afastamento dos portugueses da Ibiapaba e para isto contavam com a malvadeza destes selvagens.

Luiz Filgueira escapou milagrosamente e voltou à beira-mar, antes marcando o lugar da tragédia e levando o tacape assassino. Os despojos do Pe. Pinto foram retirados mais tarde do local do apressado sepultamento e conduzidos para perto do rio Ceará, provavelmente para a aldeia de outros índios amigos e, julga-se hoje, com base em tradição oral, que o atual topônimo Paupina esconde uma corruptela de Pai Pina, nome que eles davam ao Padre açoriano. Resumi aqui o

que conta Serafim Leite, e que é um extrato do que guardam os documentos dos jesuítas, em Roma [2].

Luiz Filgueiras retornou sozinho ao rio Ceará. Suportou mil desaforos do "Diabo Grande", "Cobra Azul" e de "Lagartixa Espalmada". De ânimo forte, fundou uma aldeia, em 1608, no dia de São Lourenço, pondo-lhe o título do onomástico. Aí foi recolhido pelos soldados de Diogo Campos Moreno, a mando de Jerônimo de Albuquerque, retornando a Pernambuco em companhia do Padre Gaspar de Samperes.

Só voltariam os da Companhia ao Ceará em 1656, novamente para a Ibiapaba, por ordem do padre Antônio Vieira.

A primeira tentativa baldada serviu no entanto para uma melhor experiência no trato com os índios, a par de mais uma vez ficarem estas duas lições: a da dificuldade de relação com os silvícolas às ordens dos franceses e a da necessidade de uma maneira mais efetiva para a catequese no Ceará. Os jesuítas não desanimaram e estiveram presentes aqui até mesmo depois de já consolidada a colonização. Saíram na expulsão ordenada por Pombal, em 1759.

A outra fase, também marcante dos trabalhos dos jesuítas no Ceará, depois da Ibiapaba, começou sob o comando do Padre João Guedes (Guinzel), que veio com o fito de fundar um hospício, em companhia de dez padres alemães. Recebeu, ao chegar, o apoio decidido do Tenente João Dantas de Aguiar e do Cap. João de Barros Braga, ambos residentes nas cercanias de Aquiraz. A obra, iniciada a 31 de julho de 1748, sob o patrocínio de Nossa Senhora da Assunção, teve rápido desenvolvimento.

A par dessa atividade, passaram os padres a dar assistência espiritual às aldeias de Caucaia, Parangaba, Paupina, Paiacús e Parnamirim, todas localizadas nas proximidades do Forte. Este trabalho foi de capital importância para o êxito da catequese no litoral. Durante muitos anos os serviços dos abnegados missionários foram de máxima valia para a melhoria da índole dos índios e sua preparação para a integração na sociedade colonial. Essa etapa durou até a expulsão.

Longo intervalo decorreu até a volta dos jesuítas ao Ceará; mais de cem anos, quando se deu a chegada da missão portuguesa ao Brasil. No Ceará, propriamente, só em 1920, com a vinda do Padre Antônio Pinto e a boa acolhida de D. Manuel da Silva Gomes.

[2] Pe. Serafim Leite, op. cit., vol. III

Os superiores da Missão desejavam fundar um Seminário e demoraram algum tempo estudando todas as alternativas, inclusive a de localização da casa de formação. Alguns achavam o Sul mais indicado, outros, preferiam o Norte. Houve cogitações de instalá-la na Paraíba, estudos no Ceará e em Pernambuco. O Ceará representou melhor opção e concretizou-se a idéia quando o Padre Pinto visitou Baturité e encantou-se com o lugar. Em carta ao Provincial referiu-se ele, elogiosamente, dizendo ser "a terra de gente muito boa, de clima excelente, nem frio nem muito quente, de abundância de águas e de terrenos muito férteis". E, mais que tudo, teve a felicidade de conhecer o Coronel Ananias Arruda, futuro Comendador da Santa Sé, e de receber dele todo o apoio para o arrojado empreendimento. Do Comendador, o Padre Pinto foi hóspede por alguns dias. O sítio Olho D'água foi visitado no dia seguinte à chegada e, para pasmo do Padre, o notável benemérito ofereceu-se para comprar a propriedade, com a ajuda de alguns amigos. Pequenos empecilhos apareceram, mas logo se viu serem passageiros e facilmente superados. O negócio foi acertado e o terreno passou a pertencer à Sociedade Nacional de Instrução, nome legal da entidade que dirigia os bens da Companhia.

Com o entusiasmo do povo de Baturité tudo foi aprestado para o breve início da obra, que foi planejada com todo o rigor da técnica no que impunha o interesse de um empreendimento dessa ordem. A Câmara Municipal de Baturité empenhou-se em favorecer a realização, dispensando todos os cuidados para que nada faltasse nem fizesse demorar ou obstar a construção. Uma estrada de acesso foi solicitada à Inspectoria de Obras Contra as Secas e prontamente atendido o pedido pelo Dr. Arrojado Lisboa. O engenheiro baturiteense Dr. Manuel Cavalcante dirigiu a obra, ligando Baturité ao Sítio já então batizado com o nome de Beato Inácio de Azevedo. Vinte contos de réis foram gastos aí. O Estado também dispensou os impostos e mais aumentou a espectativa do povo da cidade em ver surgir daquela imensa pedreira o prédio que, pela planta exposta, mais parecia um castelo medieval.

Em fevereiro de 1922 chegam à cidade serrana os primeiros jesuítas destinados pelos superiores para o acompanhamento dos trabalhos, e em outubro o Padre Alexandrino Monteiro começa o seu trabalho de direção e fiscalização. A 3 de dezembro do mesmo ano foi colocada a primeira pedra, trazida das ruínas do Hospício de Aquiraz e com ela, foi colocada uma inscrição alusiva ao acontecimento histórico. Era o traço de união entre as duas obras dos jesuítas no Ceará

15 de abril de 23 foi rezada a primeira missa na capelinha provisória. Os trabalhos prosseguiram, enfrentando algumas dificuldades, sendo necessário orientar a frente do prédio noutro sentido para acomodá-lo ao terreno irregular e pedregoso. Mais um pouco de terreno foi comprado ao advogado Pedro Catão e aí pôde situar-se melhor o enorme prédio de três andares. Dois outros sítios contíguos já tinham sido anexados.

O Padre Pinto continuava lutando, enfrentando fortes objeções de alguns companheiros e até de superiores que temiam insucessos, tanto de vocações como de meios de subsistência. A manutenção do Seminário parecia ser mais difícil que a própria construção. Aproveitou-se o momento das comemorações do centenário da Independência para uma campanha internacional em busca de ajuda. Para os colégios jesuítas na América e na Europa foram expedidas circulares com pedidos de auxílios. Aqui mesmo no Brasil solicitava o Padre Pinto às autoridades uma conscientização no sentido de reconhecerem no trabalho dos jesuítas, desde o descobrimento, um pioneirismo na evangelização e civilização, sendo essa uma maneira paralela de solenizar a data jubilar da Pátria. Deu resultado a idéia e apareceram auxílios até do Exterior, estes, no intuito de neutralizar as atividades dos missionários protestantes.

Enquanto isso prosseguiam as obras, o próprio Comendador Ananias Arruda fiscalizando, empenho que só deixou quando teve que viajar para a Europa e Oriente, por ocasião da Peregrinação do Ano Santo de 1925. A 15 de agosto de 1927 a Escola Apostólica foi inaugurada solenemente, com a bênção oficiada por D. Manuel, na presença de mais de duas mil pessoas e dos sete primeiros alunos. Até 1938, informa o Padre Ferdnando Azevedo, no seu livro sobre a Missão Portuguesa no Nordeste, passaram pelos bancos da Escola 168 seminaristas, dos quais 37 entraram no Noviciado.

À medida que se firmava a casa de formação, mais padres chegavam para compor o corpo docente e funções de administração. Podemos lembrar os Padres Teixeira, Aparício, Copex, Mendes, Baecher, Redondo, Monteiro da Cruz, Coelho da Rocha, Pequito, Celestino, Felipe Pinheiro, Veloso, Fonseca, Cheseaux, Oliveira, Freire, Paulino, Garnier e outros que demoraram pouco.

Grande entusiasmo gerou nos alunos a realização das famosas academias, com apresentação de cenas de teatro, coro, reuniões literárias, tudo como recomenda a tradicional pedagogia inaciana expressa no "Ratio Studiorum". Intelectuais visitantes eram chamados para pro-

ferir conferências e palestras: Gustavo Barroso, Colombo de Sousa, Waldemar Falcão ali estiveram, entre outros.

Outra história da obra jesuíta no Ceará, é a da residência de Fortaleza. D. Manuel, Arcebispo de qualidades extraordinárias de zelo e dinamismo, desde 1920 reclamava o benefício para a sua sede arquiepiscopal. A escolha do local a instalar-se recaiu na capelinha de S. Luís de Gonzaga, na Aldeota, precisamente no cruzamento das Ruas Franklin Távora com Rodrigues Jr., construída, provavelmente, em 1872, pelo Pe. Onoratti. Criada a paróquia do Patrocínio, imagens e paramentos da capela foram destinados à nova Igreja, mas o povo passou a usar uma casa próxima para as suas novenas e reuniões de associações pias. Alguns padres da Sé davam uma assistência ali, até que a 25 de março de 1926 D. Manuel resolveu oferecer aos jesuítas a capelinha e a casa contígua, com a condição de se restaurar o altar de S. Luís. Foram os primeiros residentes, os Padres Paulino e Pacheco e logo mais juntou-se a eles, o Pe. Redondo. Uma campanha para a construção de uma igreja de maior porte surgiu na ocasião, dirigida por Mons. Alfredo Furtado pelo Sr. Ildefonso de Araújo e o Dr. Andrade Furtado. D. Carlota Valente, proprietária de um grande terreno na Rua Nogueira Acioli vendeu à Comissão 77 metros e doou 22 para a Igreja. O terreno da Residência, anexo, foi comprado pelo Banco S. José. A obra poderia ser iniciada graças a um legado que o Sr. Raimundo Frota deixou para a Arquidiocese. O Prof. Pedro Albano, residindo nas proximidades, sugeriu um novo título para a Igreja, mudando onome de S. Luís para Cristo Rei. A 17 de maio de 1928 foi lançada a pedra fundamental em cerimônia presidida por Mons. Tabosa. A partir de 1930 D. Manuel entregou a direção da obra aos jesuítas e a inauguração deu-se a 29 de maio, em imponente solenidade, com a acorrência de milhares de pessoas. Os altares laterais foram inaugurados nos anos seguintes, o primeiro deles, o de Nossa Senhora de Fátima, em 1931, graças ao grande empenho dos membros da colônia portuguesa. No altar-mor, a imagem de Cristo Rei, com dois metros de altura foi trazida de Paris, para isso concorrendo a oferta de cinco contos de réis, feita pelo farmacêutico Eduardo Bezerra.

A Casa de Retiros, anexa à Residência, em março de 1927 recebeu a primeira turma de retirantes, composta de 52 homens, sendo pregador, o Pe. Pacheco. A segunda em março de 28, teve o Pe. Alexandrino Monteiro como pregador.

O povo católico de Fortaleza deu muito apoio aos jesuítas e anualmente grupos de alunos de Colégios e Faculdades, ao término de seus cursos procuravam receber naquela casa uma direção espiri-

tual capaz de melhor orientá-los na continuação dos estudos ou novas profissões.

Advogados, contabilistas, médicos, dentistas, professores e militares receberam dos Padres forças espirituais para os próximos embates. Ali, também, nasceram vocações e muitas vidas tomaram novos rumos. Até uma Faculdade, a nossa de Medicina, teve, na Casa de Retiros, os primeiros passos judiciosamente encaminhados, fruto dos Retiros dos Médicos.

Outro campo do trabalho dos Jesuítas no Ceará foi no campo social. A União Popular de Cristo Rei foi fundada para atender o aumento de operários em Fortaleza, com o início da industrialização da Capital. Também foi de D. Manuel a idéia de uma conscientização do problema, com a inauguração dos Círculos de Operários Católicos, em 1915. Depois a fundação da Cooperativa de Crédito Popular São José para financiar pequenos empréstimos aos mesmos operários. Outros movimentos paralelos surgiram, como a Legião Cearense do Trabalho. Em 1931 o Padre Paulino Vieillendent já suficientemente preparado para essa nova atividade, fundou a União. Era uma sociedade mutualista e editava um jornalzinho. "A Voz de Cristo Rei". Começando em sala cedida no Prédio Vicentino, conseguiu logo mais uma sede própria, na antiga residência dos jesuítas na Rua Rodrigues Júnior. Já em 1934 era 1.600 os sócios da União Cristo Rei, todos protegidos por uma rede de assistência médica e com direito a pequeno pecúlio e escolas primárias para os filhos dos associados, nos períodos diurno e noturno. A União constituiu-se em importante suporte da Liga Eleitoral Católica, dando à luta política da Igreja expressiva contribuição na eleição dos seus candidatos.

Mas, a vocação maior dos Jesuítas sempre foi a da Educação. Em todo o mundo somam-se aos milhares os colégios e centenas as Universidades que foram fundadas pelos filhos de Santo Inácio.

Em Fortaleza também não faltou a Companhia nesse campo. Sem falar nas escolinhas que sempre insistiram os padres instalar para suprir as necessidades de suas capelanias, lembramos os trabalhos maiores da fundação de uma pequena obra que mais tarde transformou-se num gigante da educação em Fortaleza, o Colégio Santo Inácio. E, nisso, apelamos para as informações valiosas do Padre Expedito Nascimento, em seu opúsculo "Os Jesuítas e a Educação no Ceará", onde classifica a Companhia como uma Ordem Ensinante.

Nesse campo, o Santo Inácio foi a terceira experiência no Ceará. É uma obra do Pe. Monteiro da Cruz, fruto do seu entusiasmo e idea-

lismo. Começou com 156 alunos, em modesto prédio junto à Igreja de Cristo Rei. Chamava-se Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima. Deu frutos: são hoje jesuítas integrantes da Província, diversos daqueles primeiros alunos. Transformou-se em Externato Cristo Rei com a grande procura de vagas, atingindo, em 1959 o número de 700 alunos. Passou a Ginásio, em 1960, no prédio novo da Av. Desembargador Moreira. Os alunos contavam-se aos milhares. E agora Colégio, o Santo Inácio, com mais de trinta anos é uma tradição no preparo de duas gerações de cearenses que ali se encaminham para todas as carreiras da atividade humana.

E, certamente, não ficará nisso a obra ciclópica dos filhos de Santo Inácio. Eles são persistentes, trabalham com amor, defendendo o ideal de tudo fazerem para a maior glória de Deus. Eles receberam um grande patrimônio espiritual e sabem que compete-lhes aperfeiçoar, transformando vidro em cristal e cristal em pérolas. A história desses paladinos da Fé enche-nos de admiração pela sublimidade de seus ideais, firmeza e dedicação, capazes de mudar os tempos, de enrijecer caracteres e de moldar vontades.

Aos Jesuítas muito deve o Ceará. Dos seus ensinamentos tiramos a exata medida moral e intelectual que pautou nossas vidas e nos conduziram aos depósitos das verdades essenciais. A eles, na passagem dessa data jubilar, o muito obrigado do Ceará pelos serviços que já prestaram e também pelos que ainda prestarão, porque sabemos, benefícios ainda maiores terão a nos oferecer. Reconhece o Instituo do Ceará, como já o fez Capistrano de Abreu, com toda a sua autoridade, que a História do Brasil está estreitamente entrelaçada com a História da Companhia. Também o nosso nume tutelar, o Barão de Studart, sempre considerou um fruto da ação dos jesuítas a consolidação do domínio português no Brasil. E, como há cinquenta anos passados, comemorando o Instituto os quatrocentos anos da Companhia de Jesus, sendo orador da solenidade o conspícuo Prof. Andrade Furtado, bendigo a obra inaciana e faço votos a Deus pelo seu crescente e frutuoso desenvolvimento.